



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ESPECIAL – LICENCIATURA PLENA**

**A ALTERIDADE DEFICIENTE: NARRATIVAS E
EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS DE CEGOS EM
INSTITUIÇÃO PÚBLICA E PRIVADA DE SANTA MARIA-
RS.**

TAÍSSE SOARES DOS SANTOS

Santa Maria, RS, Brasil.

2015

**A ALTERIDADE DEFICIENTE: NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS
PROFISSIONAIS DE CEGOS EM INSTITUIÇÃO PÚBLICA E
PRIVADA DE SANTA MARIA-RS**

TAÍSSE SOARES DOS SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de
Educação Especial do Centro de Educação da Universidade
Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciada em Educação Especial

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elisane Maria Rampelotto

**Santa Maria, RS, Brasil.
2015**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Graduação em Educação Especial**

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova o
Trabalho de Conclusão de Curso

**A ALTERIDADE DEFICIENTE: NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS
PROFISSIONAIS DE CEGOS EM INSTITUIÇÃO PÚBLICA E PRIVADA
DE SANTA MARIA-RS.**

elaborada por

TAÍSSE SOARES DOS SANTOS

como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciada em Educação Especial

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Elisane Maria Rampelotto (UFSM)
(Presidente / Orientadora)

Prof^a Ms. Priscila Linassi

Prof.^a Esp. Adriane Melara

Santa Maria, 10 de dezembro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Esta é mais uma etapa em minha vida que se aproxima do fim, e com ela muita gratidão e aprendizado. Nessa caminhada que percorri para chegar até aqui, relembro os meus medos e inseguranças de um futuro ainda desconhecido e também as conquistas e amizades que conquistei e que os guardarei e levarei comigo para sempre.

Ao concluir essa etapa, faz-se necessário lembrar e agradecer algumas pessoas que foram essenciais neste percurso. Tais como:

A Deus meu fiel companheiro, ao qual devo agradecer por todas bênçãos que sempre me concedeu e por ter me dado força e serenidade para continuar buscando os meus sonhos e de nunca perder a fé.

A minha mãe Rosângela e ao meu pai Jurandir, por todo amor incondicional e apoio. Sem vocês a minha caminhada não seria tão prazerosa, pois sempre vi em vocês um exemplo de pais, de persistência e de profissionais. Essa vitória é para vocês!

A minha irmã Tayane pelo apoio incondicional e por toda ajuda dada nessa caminhada e por sempre estar ao meu lado quando precisei. A minha vó Eva por ser a melhor vó que alguém poderia ter, por seu amor de mãe incondicional e essa vitória também é de vocês.

Aos meus familiares que estiveram comigo nessa caminhada e também aqueles que apenas estiveram assistindo de longe mas mandando todas as energias positivas, um muito obrigada.

Aos meus amigos agradeço pelo apoio e por estarem comigo nessa caminhada tão importante na minha vida e serem os melhores amigos que alguém poderia ter.

A minha orientadora Elisane Rampelotto por todo comprometimento, carinho e conhecimento. Obrigada pela dedicação.

RESUMO

Trabalho de Final de Curso
Curso de Graduação em Educação Especial - Licenciatura Plena
Universidade Federal de Santa Maria

A ALTERIDADE DEFICIENTE: NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS DE CEGOS EM INSTITUIÇÃO PÚBLICA E PRIVADA DE SANTA MARIA-RS.

Autora: Taisse Soares dos Santos

Orientadora: Elisane Maria Rampelotto.

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 10 de dezembro de 2015.

Este estudo, “A alteridade Deficiente: Narrativas e Experiências Profissionais de cegos em instituição pública e privada de Santa Maria-RS”, deseja problematizar quais são as experiências profissionais e condições de acessibilidade são vividas no cotidiano da alteridade cega em instituição pública e privada em Santa Maria – RS. O objetivo da pesquisa é investigar e analisar as vivências profissionais e as condições de acessibilidade no cotidiano da alteridade cega em instituições pública e privada de Santa Maria. Para o alcance do objetivo utilizou-se como instrumento de pesquisa a entrevista estruturada com dois profissionais cegos, sendo um que trabalha em instituição privada (escola de ensino fundamental e médio) e, outro em instituição pública de ensino superior. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de entrevista estruturada, utilizando-se da gravação e logo após da descrição na sua totalidade. De posse das narrativas dos sujeitos cegos, os dados foram analisados baseados em uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. Para preservar a identidade os sujeitos cegos entrevistados foram identificados de S1 e S2. É possível perceber, com a análise dos fragmentos das narrativas, que tanto S1 quanto S2 fazem parte do percentual de trabalhadores inseridos através das leis de incentivo, a lei específica de inserção no mercado de trabalho de deficientes - a Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, conhecida como a lei de cotas. Portanto, a inclusão do deficiente no mercado de trabalho deve ocorrer de forma sistematizada e não apenas atendendo a demanda da legislação. O funcionário deficiente deve ter oportunidades de acesso igualitário através das tecnologias assistivas.

Palavras-chave: Deficiência Visual. Narrativas. Experiências Profissionais. Tecnologia assistiva

Sumário

1- PARA COMEÇAR	9
2- O PROCESSO INVESTIGATIVO.....	13
2.1 O Caminhar da Pesquisa	13
2.2 As Questões Guias	14
2.3 Os Sujeitos da Pesquisa	15
3 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A VISÃO E A FALTA DE VISÃO	16
3.1 Deficiência Visual, Baixa Visão, Cegueira Adquirida e Congênita	16
4- TECNOLOGIAS ASSISTIVAS PARA DEFICIENTES VISUAIS E CEGOS.....	21
4.1 Conceito, Objetivo e Classificação.....	21
5- EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS DA ALTERIDADE CEGA EM SANTA MARIA	25
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
7-Bibliografia	33
8-Apêndice	35
8.1 Apêndice A-Entrevista S1	35
8.2 Apêndice B- Entrevista S2	39

PRIMEIRA PARTE

1- PARA COMEÇAR

Minha trajetória acadêmica no ensino superior começa no final do ano de 2011 quando resolvi fazer a inscrição para Curso de Educação Especial pelas vagas remanescente. Motivo? Não havia sido aprovada no vestibular para o Curso de Fisioterapia - minha primeira opção. Mesmo assim, a escolha pela profissão do educador especial sempre me chamou a atenção, talvez pelo fato de ter convivido com a alteridade deficiente na infância, tanto no âmbito escolar, como no familiar.

Ao iniciar o curso, no primeiro semestre do ano de 2012, as disciplinas não me chamavam a atenção e nem a certeza de que era a opção do curso que queria fazer. Queria, desde o início, entrar em contato com o outro, com o diferente, mas que tínhamos contato apenas com as teorias estudadas em sala de aula. Possivelmente essa deve ter sido a causa da minha desmotivação no primeiro semestre do curso. O tempo foi passando e no segundo semestre, na disciplina de Psicologia da Educação II, comecei a entender a importância de estudar os processos de ensino/aprendizagem em suas diferentes vertentes como, por exemplo: os mecanismos de aprendizagem nas crianças e adultos e como isso as relações com a psicologia do desenvolvimento. Estudar e saber mais sobre essas questões e também desenvolver um trabalho com professores de forma a tornar o processo de aprendizagem mais efetivo e significativo para o aluno que apresenta dificuldades de aprendizagem foi motivo para me encantar e começar a gostar do Curso.

Seguindo a trajetória que me levou a escolha pela profissão que desejo, também faz parte da minha experiência de vida escolar a convivência que tive com a alteridade deficiente. Em especial a oportunidade de conviver com um colega cego. Queria entender a condição da alteridade cega - a condição de ser o outro que era diferente dos demais em sala de aula.

Durante o curso nenhuma disciplina específica para a área da deficiência visual foi ministrada, apenas alguns exemplos em sala de aula. Isso porque o curso

de Educação Especial diurno forma o profissional para atuar nas áreas de: Déficit Cognitivo, Dificuldade de Aprendizagem e Surdez. E com isso a minha curiosidade em saber mais, estudar mais sobre a área da cegueira foi se distanciando. Com o decorrer dos estágios e percebendo a realidade das escolas, passei a questionar sobre a possibilidade de ter um aluno cego incluído na escola. Como iria interagir com esses sujeitos? Como trabalhar os conteúdos? Essas são algumas das questões que me fizeram pensar muito no decorrer do curso.

A escolha do tema do trabalho de conclusão de curso foi algo inesperado quando numa conversa com a minha orientadora surge a possibilidade de narrar a história de vida de dois sujeitos cegos. Fiquei entusiasmada com a chance de realizar tal estudo e imediatamente pensei em convidar, como sujeito de pesquisa, um colega cego do ensino médio. Arrisco a dizer que este colega cego influenciou-me na escolha e opção pelo Curso de graduação em Educação Especial.

No decorrer da vida escolar, admirava as minhas professoras, recordo-me que quando criança brincava com as minhas amigas de escolinha. Sempre queria ser a professora, aquela que ensinava com muito cuidado, que tinha o conhecimento e que repassava os saberes com muito entusiasmo e carinho para seus alunos. Na época era só brincadeira de criança, mas com o passar do tempo fui crescendo e conhecendo outras profissões e a vontade de ser professora não era mais lembrada.

Chegando ao ensino médio e buscando saber mais sobre as profissões fiz a opção pelo Curso de Fisioterapia - era o curso que queria fazer. Mesmo com a vontade de ser fisioterapeuta nunca esqueci aquela criança que um dia quis ser professora.

No entanto, ainda no ensino médio, tive a oportunidade de interagir com três colegas que viviam a condição de serem diferentes - a condição de ser outro. Cada um com suas particularidades, limitações e possibilidades. E foi aí que tive o privilégio de fazer a imersão no mundo da alteridade deficiente. Mas chegando ao último ano da escola, antes da entrada no ensino superior, fiz vestibular e não fui aprovada no curso que tanto queria fazer para me tornar profissional. Foi então que pensei novamente naquela menina que brincava de ser professora - queria tentar o Curso de Educação Especial.

Foi no Curso de Educação Especial que tive interesse em realizar uma pesquisa que abordasse a vida profissional do outro cego. Penso ser importante trazer as experiências e expectativas do sujeito na sua área de atuação nas instituições privada e pública. Usando como referencia as sua trajetória.

Trago como problema de pesquisa: Quais as experiências profissionais e condições de acessibilidade são vividas no cotidiano da alteridade cega em instituição pública e privada em Santa Maria – RS? E como objetivo geral investigar e analisar as a vivências profissionais e as condições de acessibilidade no cotidiano da alteridade cega em instituições pública e privada de Santa Maria. Quanto aos objetivos específicos busco: Relatar a experiência e vivencias profissionais de dois cegos em instituições pública e privada de Santa Maria- RS; descrever o cotidiano profissional e as condições de acessibilidade da alteridade cega nas instituições em que trabalham.

Na primeira parte do trabalho em *Para Começar*, trago a minha trajetória acadêmica até chegar à temática deste estudo. Na segunda parte em *Processos Investigativos*, explico como foi conduzida a pesquisa apresentando o percurso metodológico do estudo incluindo as Questões Guias e os sujeitos participantes. Na terceira e quarta partes no *Referencial Teórico* apresento considerações sobre a Visão e a falta da Visão; busco entendimento sobre a Deficiência Visual, Baixa Visão e a cegueira adquirida e congênita. Ainda, apresento o conceito, objetivo e classificação das Tecnologias Assistivas para Deficientes Visuais e Cegos. Na quinta parte compartilho os *Resultados da Pesquisa* com as experiências profissionais e cenas vividas no cotidiano da alteridade cega que fizeram parte deste estudo. E por fim, na sexta parte teço as Considerações Finais onde apresento os principais resultados do estudo.

2- O PROCESSO INVESTIGATIVO

2.1 O Caminhar da Pesquisa

A pesquisa faz uso de um método qualitativo para investigar a ideia inicial do trabalho. Sendo um processo sistemático para a construção de conhecimento e respostas. Atualizando conhecimento e resposta pré-existente.

Para abordar o problema poderia optar pelo o caminho da pesquisa quantitativa, em que abordaria os aspectos numéricos e quantitativos relativos à alteridade cega. No entanto, a proposta é trazer as narrativas de dois sujeitos cegos sobre as experiências e expectativas profissionais cotidianas em instituição privada e pública na cidade de Santa Maria.

Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. Segundo Silva & Menezes (2001, p. 20), a pesquisa qualitativa

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo.

A pesquisa qualitativa consegue responder o problema inicial desse trabalho, que procura verificar as possibilidades e histórias no âmbito profissional do sujeito cego.

Neste trabalho utiliza-se como instrumento de pesquisa a entrevista estruturada que nada mais é que uma intervenção em uma dada realidade, a partir de um determinado olhar e usando como instrumento perguntas dirigidas a uma ou mais pessoas. Foi realizada uma entrevista estruturada para dois sujeitos cegos que são profissionais: um do setor público e outro do setor privado.

A escolha por esta forma de coleta de dados se justifica pelo pouco tempo que disponível para realizar a pesquisa (um semestre apenas) e, pela facilidade de acesso aos sujeitos da pesquisa, bem como a rapidez do levantamento das respostas que a entrevista propõe.

2.2 As Questões Guias

A questão chave deste estudo é solicitar para que cada um dos sujeitos conte a experiência de estar inserido no mercado de trabalho assim como a expectativa em relação a atuação na profissão. Os sujeitos à sua maneira relatam as vivências e experiências cotidianas. Mesmo deixando os sujeitos falarem trago algumas questões guias para a pesquisa.

- Qual sua idade?
- Qual é a sua formação?
- Você trabalha na área de sua formação?
- Você é concursado? Há quanto tempo?
- Quanto tempo você trabalha nesta instituição? Conte um pouco da sua trajetória.
- A sua contratação esta vinculada a lei que prevê o percentual para deficientes?
- Você escolheu trabalhar na empresa/instituição onde estás atualmente?
- Quais são as dificuldades que você enfrenta no seu trabalho?
- Você utiliza alguma Tecnologia Assistiva em seu ambiente de trabalho?
Qual (is)
- Como é a sua rotina na instituição em que trabalhas?
- Como é o seu relacionamento com os colegas no ambiente de trabalho?
- Quais são as suas expectativas profissionais?
- A instituição incentiva a sua formação profissional?
- Você tem outras experiências profissionais além da atual?
- Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

2.3 Os Sujeitos da Pesquisa

Como já foi dito acima, os dados da pesquisa foram coletados por meio da entrevista estruturada, utilizando-se da gravação e logo após da descrição na sua totalidade.

Para preservar a identidade dos sujeitos desta pesquisa a partir de agora estão sendo identificados como S1 para o primeiro sujeito entrevistado e S2 para o segundo sujeito entrevistado. Abaixo a descrição de cada um deles:

S1 mora em Santa Maria estuda em uma instituição pública Cursa Pedagogia, tem 22 anos e atua profissionalmente em uma escola particular de Santa Maria na biblioteca infantil.

S2 tem 38 anos de idade possui cegueira adquirida que é uma doença genética que vai acentuando-se com o tempo. Manifestou-se entre os 12 e 13 anos de idade e hoje S2 está totalmente cega. S2 tem graduação em Tecnologia em Secretariado, e tem pós em gestão de pessoas. É concursada em uma instituição pública há 10 anos e meio.

3- CONSIDERAÇÕES SOBRE A VISÃO E A FALTA DE VISÃO

3.1 Deficiência Visual, Baixa Visão, Cegueira Adquirida e Congênita

A deficiência visual pode ser definida pela perda total ou parcial da capacidade de enxergar. Ela compõe dois grupos: a cegueira e a visão subnormal ou baixa acuidade visual (ABV). Segundo informações coletadas nos sites do Instituto Benjamin Constant e da Fundação Dorina Nowill para Cegos, o sujeito cego é aquele que “apresenta desde ausência total de visão até a perda da percepção luminosa”, enquanto que, na visão subnormal ou baixa visão, o sujeito “apresenta desde a capacidade de perceber luminosidade até o grau em que a deficiência visual interfira ou limite seu desempenho”. De acordo com o MEC/SEAD (2000, p. 6), pode ser caracterizada pela “alteração da capacidade funcional decorrente de fatores como rebaixamento significativo da acuidade visual, redução importante do campo visual e da sensibilidade aos contrastes e limitação de outras capacidades visuais”.

É bom lembrar que tanto a cegueira quanto a baixa acuidade visual podem atingir qualquer pessoa em qualquer idade. Crianças podem nascer sem a visão, assim como, em qualquer fase da vida, as pessoas podem deixar de enxergar e tornarem-se cegas. Nas pessoas cegas, as informações, a construção do conhecimento e as aprendizagens acontecem pela linguagem oral e pela exploração tátil, envolvendo especialmente as mãos. Seu uso como “instrumento de percepção deve ser intensamente estimulado, incentivado e aprimorado”(MEC/SEAD, 2000, p.24). Através do sistema Braille é possível acontecer a leitura e a escrita do sujeito cego.

Nas pessoas com resíduos visuais, a aprendizagem acontece através dos meios visuais que permitam ler textos impressos ampliados, mesmo sendo necessários recursos ópticos especiais. É importante lembrar que, sempre que

possível, o cego deve ser incentivado a usar seu resíduo visual nas atividades do cotidiano.

De acordo com a classificação internacional de doenças-(CID 10), existem 4 níveis de função visual que são:

- Visão normal
- Deficiência visual moderada
- Deficiência visual grave
- Cegueira

As causas mais frequentes de cegueira e baixa visão conforme Gil(2000), denominam-se: retinopatia da prematuridade, catarata congênita, glaucoma congênito, atrofia óptica e degeneração retinianas e alterações visuais corticais.

Retinopatia da prematuridade como sendo “uma doença ocular vaso-proliferativa secundária á vascularização inadequada da retina que ocorre em recém-nascidos prematuros de muito baixo peso”(FORTES FILHO,2006,p.246). Essa doença se não for descoberta e tratada a tempo, podem causar danos irreversíveis na visão.

A catarata congênita é considerada como “opacidade congênita de etiologia hereditária, embriopática (rubéola) ou metabólica (galactosemia) que afeta o cristalino” (MARTIN E RAMIRES, 2003, p.29).

Segundo ao site do Instituto Benjamin Constant o Glaucoma é uma doença causada pela lesão do nervo óptico relacionada a pressão ocular alta. Pode ser crônico ou agudo. Quando Crônico é caracterizada pela perda da visão periférica (visão que permite perceber objetos ao nosso redor), devido à lesão das fibras dos nervos que se originam na retina e formam o nervo óptico. Quando agudo, se dá porque a pressão interna do olho torna-se extremamente alta e causa perda súbita e grave da visão.

A atrofia Óptica, segundo Ramires (2003), “é a degeneração das fibras ópticas associadas a lesões cerebrais” (RAMIRES, 2003, p.32). E a deficiência visual cortical (DVC), para Bruno (2009), “é considerada uma alteração no cérebro, envolvendo a córtex visual em decorrência de acentuada prematuridade ou situações críticas de sobrevivência” (BRUNO, 2009, p 42). É importante saber que,

em virtude disso, as crianças podem apresentar múltiplas deficiências, incluindo a visual.

A cegueira e a baixa visão podem também resultar de doenças como diabetes, descolamento de retina ou traumatismo oculares (GIL, 2000; BRUNO: MOTA,2001).

A Deficiência Visual pode ser vista em duas fases, especificada como cegueira congênita e cegueira adquirida. A cegueira congênita tem como característica a pessoa que já nasce com ela, ou seja, ocorrendo antes ou durante o nascimento. A cegueira adquirida a pessoa adquire em qualquer outro período da vida.

As diferenças entre cegos congênitos e adquiridos se dão pelo acontecimento de distintos modos de representação, que resultam em diferentes capacidades de processo cognitivo.

Os sujeitos com deficiências visuais são heterogêneos, se levarmos em conta duas características importantes: por um lado, o resíduo visual que possuem, e por outro, o momento de aquisição de sua deficiência, pois um sujeito cego de nascimento não é igual àquele que adquire essa condição ao longo da vida. Em função desse momento, seus condicionantes pessoais e suas aprendizagens serão totalmente diferentes

(GONZÁLEZ, 2007). p. 102

Portanto, o jeito de ser e estar no mundo e do desenvolvimento da aprendizagem da pessoa com deficiência visual, seja ela congênita ou adquirida, é diferente. As experiências da deficiência visual (congênita ou adquirida) no desenvolvimento pessoal e psicológico variam muito entre os sujeitos. Depende da idade e o nível da deficiência, das intervenções feitas por profissionais e familiares, da personalidade e de muitos outros fatores. Entre os fatores

existem diferenças experienciais entre cegos congênitos e adquiridos, uma vez que o cego congênito não apresenta sentimentos de perda, pois ele nunca teve essa experiência, a cegueira para eles não é algo insuperável, trágico, pois se desenvolveu e aprendeu sem esse sentido. Entretanto, a cegueira adquirida causa uma ruptura nos padrões já constituídos de comunicação, mobilidade, trabalho, recreação, e sentimentos, acerca de si próprios, tornando-se uma experiência inevitavelmente traumática (ALMEIDA,T. S; ARAÚJO,F.V, 2013, p. 01).

Quando a deficiência acontece na infância, os resultados são prejudiciais ao desenvolvimento neuropsicomotor, com repercussões educacionais, emocionais e sociais, que pode persistir ao longo da vida, se não houver um tratamento adequado e mais cedo possível. (Gil,2000,p.10)

Diante das colocações acima, deve-se ressaltar a orientação, mobilidade e autonomia dos sujeitos cegos, sendo que o sujeito que enxerga tem uma movimentação natural, usando todos os seus gestos e sentidos para localizar um objeto com os olhos ou com as mãos e assim estimulando o seu corpo para aproximar-se dos objetos que estão fora do seu alcance.

O sujeito cego, pela sua condição, não tem a mesma mobilidade, pois não consegue visualizar o ambiente e assim não localiza com facilidade os objetos. Quando criança cega necessita de muitos estímulos. Entre eles os estímulos táteis, sonoros e físicos, sempre mediando para orientá-lo sobre os espaços que estão ao seu redor.

Os primeiros anos de vida influenciam muito no desenvolvimento do sujeito cego, no caso de um sujeito com cegueira adquirida a variedade de imagens e estímulos facilitam ou muitas vezes interferem nas relações feitas do espaço e de conceitos. Já no caso de um cego congênito, esses conceitos de objeto e relações de espaço, fazem com que falte a imitação e imagens visuais.

Em outras palavras, o sujeito cego quando criança deve entrar em contato com os elementos da natureza e ter a oportunidade de explorar estímulos do ambiente, aprender a tocar, sentir, perceber odores e sabores, dimensões e texturas, tamanho e formato, sons, vozes e ruídos, pular, correr, saltar.

4 - TECNOLOGIAS ASSISTIVAS PARA DEFICIENTES VISUAIS E CEGOS

4.1 Conceitos, Objetivo e Classificação

Na legislação brasileira podemos verificar a terminologia Ajudas Técnicas para o que conhecemos e denominamos hoje por Tecnologia Assistiva (TA).

O conceito de ajuda técnica pode ser definido pelo Decreto 3.298 de 1999, em seu artigo 19, que diz:

Art. 19. Consideram-se ajudas técnicas, para efeitos deste Decreto, os elementos que permitem compensar uma ou mais limitações funcionais motoras, sensoriais ou mentais da pessoa portadora de deficiência, com o objetivo de permitir-lhe superar as barreiras da comunicação e da mobilidade e de possibilitar sua plena inclusão social (BRASIL, 1999).

São ajudas técnicas conforme o parágrafo único:

I - próteses auditivas, visuais e físicas;

II - órteses que favoreçam a adequação funcional;

III - equipamentos e elementos necessários à terapia e reabilitação da pessoa portadora de deficiência;

IV - equipamentos, maquinarias e utensílios de trabalho especialmente desenhados ou adaptados para uso por pessoa portadora de deficiência;

V - elementos de mobilidade, cuidado e higiene pessoal necessário para facilitar a autonomia e a segurança da pessoa portadora de deficiência;

VI - elementos especiais para facilitar a comunicação, a informação e a sinalização para pessoa portadora de deficiência;

VII - equipamentos e material pedagógico especial para educação, capacitação e recreação da pessoa portadora de deficiência;

VIII - adaptações ambientais e outras que garantam o acesso, a melhoria funcional e a autonomia pessoal; e

IX - bolsas coletoras para os portadores de ostomia.

O conceito brasileiro de Tecnologias Assistivas (TAs), passa a existir após a criação do comitê de ajudas técnicas (CAT), que foi estabelecida pelo decreto Nº 5. 296 em 2 de Dezembro de 2004 que:

Regulamenta as leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

As TAs é um termo relativamente novo e “utilizado para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e, conseqüentemente, promover vida independente e inclusão”(BERSCH e MACHADO,2011,p.66). As autoras comentam que com o avanço tecnológico é um caminho para tornar a vida do deficiente mais fácil. Assim, “por meio da tecnologia, uma pessoa com deficiência tem possibilidades de mobilidade, controle de ambiente, acesso ao computador, comunicação, entre outras atividades”(op. cit).

A terminologia aplicada para ser utilizada no Brasil data de agosto de 2007 e foi feita a partir de uma pesquisa realizada pelo Comitê de Ajudas Técnicas da

Secretaria dos Direitos Humanos – CAT/SEDH. O termo adotado foi Tecnologia Assistiva que passa a ser utilizado “em todos os seus documentos e recomenda que o termo seja utilizado na formação de recursos humanos, nas pesquisas e nos referenciais teóricos brasileiros”(op. cit).

Após estudos do CAT, em 14 de dezembro de 2007, determinou-se que o conceito de TA é:

uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2007)

A TA pode ser entendida como um “auxílio que vai ajudar a ampliar uma habilidade funcional deficitária ou possibilitará a realização da função desejada, que se encontra impedida por circunstância de deficiência ou pelo envelhecimento” BERSCH e MACHADO,2011,p.67). “Tem como objetivo proporcionar à pessoa com deficiência autonomia, independência funcional, qualidade de vida e inclusão social” (op.cit)

As TAs são portanto, usadas para produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços dirigidos para pessoas que necessitam de alternativas e formas diferenciadas que as permitem adaptar determinada dificuldade relativa a deficiência que possuem. São adaptações que possibilitam que pessoas com deficiências, assim como outros sujeitos que não tem nenhuma deficiência ou impedimento, possam realizar tarefas de atividades da vida diária, cuidados pessoais, locomoção, movimentação, comunicação e outras atividades.

Tendo em vista a legislação com os decretos, as leis, etc, a sociedade vem tendo uma ampla gama de discussões sobre o tema inclusão social, um movimento se formou em prol da efetivação do reconhecimento de direitos e redução das desigualdades, fazendo parte de uma perspectiva de uma sociedade inclusiva, que proporcione um acesso e participação das mesmas oportunidades. Sob esse ponto de vista, a tecnologia assistiva adota um papel importante dentro dessa proposta

inclusiva, tendo como objetivo principal a inclusão social dos sujeitos com deficiência auxiliando e possibilitando sua autonomia e independência para atividades do cotidiano. Proporcionando uma ampliação de sua comunicação, mobilidade, controle de seu ambiente e habilidades.

Os recursos de tecnologias assistivas são organizados ou classificados de acordo com objetivos funcionais e é classificado como categorias:

Auxílio para vida diária, Comunicação aumentativa e alternativa (CAA);Sistemas de controle de ambiente; Projetos arquitetônicos para acessibilidade; Órteses e próteses; Adequação postural; Auxílios de mobilidade; Auxílio para pessoas com surdez ou déficit cognitivo; Mobilidade em veículos; Esporte e lazer; A categoria mais usadas pelos sujeitos S1 e S2 no seu local de trabalho é o recurso de acessibilidade ao computador que é um conjunto de hardware e software especialmente idealizado para tornar o computador acessível, incluindo dispositivos de entrada(mouse, teclados e acionadores diferenciados) e dispositivos de saída (sons, imagens, informações táteis).

Outro recurso muito usado é auxílio para qualificação da habilidade visual e recursos que ampliam a informação a pessoas com baixa visão ou cegas, tendo como exemplos: Auxílio óptico, lentes, lupas manuais e lupas eletrônicas; os softwares ampliadores de tela; software em celulares para identificação de texto.

Para a melhoria da mobilidade pessoal de sujeitos cegos e com baixa visão pode-se utilizar como auxílio a “bengala, muletas, andadores, carrinhos, cadeiras de rodas manuais ou motorizadas, scooters e qualquer outro veículo, equipamento ou estratégia para independência da alteridade deficiente”.

5- EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS DA ALTERIDADE CEGA EM SANTA MARIA

A partir do trabalho desenvolvido com os dois sujeitos cegos: S1 e S2 que trabalham em instituição privada e pública registram-se as experiências e cenas vividas no cotidiano profissional da alteridade cega. A entrevista realizada procura, através da análise dos fragmentos, trazer os resultados da pesquisa. Para trazer os resultados compartilham-se as experiências dos dois sujeitos imersos no mercado de trabalho.

A sua contratação está vinculada a lei que prevê o percentual para deficiente?

S1- *Sim, foi porque estavam necessitando de pessoas lá.*

S2- *Sim, eu entrei pelas cotas.*

De acordo com as respostas dos sujeitos pode-se perceber que os dois fazem parte do percentual de trabalhadores inseridos através das leis de incentivo, a lei específica de inserção no mercado de trabalho de deficientes é a Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, conhecida como a lei de cotas. Esta lei discorre que lugares com mais de 100 funcionários devem empregar de 2% a 5% de pessoas com deficiência ou reabilitada. Ou seja, percebe-se que os sujeitos S1 e S2 fazem parte das políticas nacionais de integração de pessoas com deficiência no mercado de trabalho desempenhando funções afins com a sua capacidade.

Você tem alguma dificuldade?

S1- *Ah, tem algumas dificuldades mais em relação ao espaço físico da escola. Por ser uma escola antiga, tem 110 anos, muitos ambientes da escola não são preparados para receber e atender pessoas com deficiência. Esses tempos, até eu conversei com eles a respeito de mexer nos ambientes, e como eu trabalho em uma biblioteca, então, antes eu não tinha acesso ao sistema, pois o pessoal dizia que eu não iria conseguir, pois o sistema não era acessível. Esse ano, depois de 1 ano e meio lá, quase dois anos brigando com o pessoal da gerência em Porto Alegre, fui que eu consegui que eles me liberassem para acessar o sistema. E foi bem tranquilo. Então a questão da dificuldade que eu tenho é no espaço mesmo.*

S2- *Eu acho que a maioria das pessoas com deficiência quando passa por essa barreira da tecnologia assistiva, digamos assim, a aquisição por parte da empresa, tanto quanto pública ou privada, de alguma coisa que vai te facilitar o desenvolvimento das tuas atividades, isso, às vezes parece complicado, mas é, na verdade, mais fácil, o que mais me complica é a barreira atitudinal das pessoas. Mesmo com esses 10 anos aqui dentro da universidade, às vezes, eu ainda encontro problema com atitudes das pessoas. Claro que não em relação aos meus colegas, porque agora dentro do setor, tá tudo muito tranquilo. Mas, às vezes, os próprios usuários tem uma resistência em ser atendido, né. Por exemplo: será que ela vai dar conta? Será que ela vai fazer certo? Será que ela vai conseguir me atender? Isso ainda acontece, mas eu não chamo nem de preconceito, eu chamo de desconhecimento, porque a partir do momento que a gente mantém o primeiro contato e que os usuários veem que é possível, enfim, daí essa barreira é, digamos assim, quebrada.*

Sobre as dificuldades no ambiente de trabalho ambos os sujeitos de pesquisa mencionam as dificuldades enfrentadas, desta forma pode-se inferir que as dificuldades encontradas por S1 são dificuldades de acessibilidade de locomoção, pois o seu ambiente de trabalho não encontra-se adequado para a sua locomoção, S1 menciona que solicitou a solução desta barreira no local que trabalha, mas que até então não foi atendido. De acordo com a ABNT:

Acessibilidade: é a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos. (NBR-9050/90 da ABNT)

O sujeito de pesquisa S2 refere-se a barreira da acessibilidade da aquisição da tecnologia assistiva necessária para o acesso aos instrumentos de trabalho e acrescenta o preconceito com relação aos usuários deste serviço, com funcionário que apresenta deficiência, mas quando percebem que a pessoa com deficiência é um profissional que está desenvolvendo um trabalho, estas barreiras vão sendo ultrapassadas. Sobre as dificuldades de acessibilidade e os preconceitos Romeiro de Almeida Prado (2006, p. 11), coloca que:

É nesse momento que se mostra que o impedimento não está na pessoa, mas sim na relação da mesma com o ambiente. Portanto, é o meio ambiente que é deficiente, não possibilitando acesso a todas as pessoas, não lhes proporcionando a equiparação de oportunidades. (ROMEIRO DE ALMEIDA PRADO, 2006, p. 11)

Desta forma para que os profissionais possam desenvolver as suas atividades um dos fatores principais é a acessibilidade destes ambientes, ou seja, a participação destes sujeitos deve ser garantido através da eliminação destas barreiras que podem ser de espaço físico dificultando a locomoção, podem ser barreiras ocasionadas por falta de equipamentos de tecnologia, que favorece o acesso igualitário ao trabalho ou até mesmo como mencionado dificuldades no meio onde se desenvolve o trabalho de ordem atitudinal. A Tecnologia Assistiva proporciona as pessoas com deficiência acesso igualitárias, o que colabora para autonomia e qualidade de vida. Podemos definir Tecnologia Assistiva como:

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social" (ATA VII - Comitê de Ajudas Técnicas (CAT) - Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) - Secretaria Especial dos Direitos Humanos - Presidência da República).

Ou seja, é uma área que busca favorecer a autonomia e independência dos deficientes através dos inúmeros recursos disponíveis, no local de trabalho destes sujeitos, favorece igualdade de acesso e participação através destes recursos.

Você utiliza alguma Tecnologia Assistiva no seu trabalho ?

S1: *Sim, eu utilizo o leitor de tela. O NVDA que é um leitor de tela, justamente para trabalhar com a questão do empréstimo e devolução dos livros, que é tudo informatizado. Aqui é mais o leitor de telas, mesmo. Que se não fosse ele, eu não teria como desenvolver minhas atividades. Eu preciso acessar o SIE, que é o sistema que a gente usa aqui na universidade, e é esse leitor de tela que faz com que isso seja possível. Então, é o leitor de tela que me proporciona, assim, o alcance de tudo que eu preciso para poder desenvolver as minhas tarefas.*

As tecnologias assistivas fazem parte da rotina dos dois sujeitos da pesquisa, ambos utilizam recursos tecnológicos no desempenho das suas funções que colaboram para o acesso com oportunidades igualitárias destes sujeitos. Eles mencionam que os locais onde trabalham são informatizados, desta forma ambos

utilizam o computador aliado a tecnologias como: o leitor de tela, que possibilita o acesso e o desempenho das suas funções. Assim:

[...] para alcançar o objetivo de proporcionar aos deficientes o acesso aos cargos e empregos públicos e privados, é necessário que o Estado Legislador adote medidas niveladoras, a fim de remover os obstáculos que se opõem ao livre desenvolvimento da personalidade dessas pessoas, assim como dos demais membros das classes sociais desfavorecidas...” (ROMITA, 1991 p. 11).

Assim, cabe a cada instituição pública ou privada, na qual a inclusão de deficientes está acontecendo, adotar as tecnologias necessárias para o desenvolvimento das atividades de seus funcionários. Portanto, a inclusão do deficiente nestes espaços deve ocorrer de forma sistematizada e não apenas atendendo a demanda da legislação. O funcionário deficiente deve ter oportunidades de acesso igualitário através das tecnologias assistivas.

Como é tua rotina lá?

S1- *Eu trabalho das 13h30 até 17h30, faço 20 horas semanais. Bom, minha rotina é emprestar livro, devolver, eu entrego bilhetes, recolho livros nas salas, organizo a turma na biblioteca, faço hora do conto, faço teatro, essas coisas assim com eles. Esse ano foi mais burocrático, não teve muita hora do conto, nem nada, mas assim, organizar atividades, eu vejo com as professoras o que elas trabalhando, e vou lá acho uma história e conto para eles.*

S2- *A rotina é muito tranquila, porque eu chego aqui às 8h, venho de van. Durante a manhã, é mais atendimento ao público, mesmo. Tenho o atendimento do telefone, tenho o atendimento ao público, tem tira dúvidas dos usuários tem colocação de protelivros, que é um trabalho que eu gosto de fazer, que é etiqueta adesiva que “vai” no dorso dos livros. Eu gosto de fazer isso, que faz parte da manutenção dos livros.*

Os dois sujeitos cegos mencionam que possuem rotinas de trabalho específicas dos locais nos quais trabalham, percebe-se nas suas falas, que desempenham suas funções com naturalidade apesar das dificuldades já mencionadas anteriormente.

Teu relacionamento com os colegas como é?

S1- *É bem tranquilo. Acho que até por eu não ter problema nenhum com minha deficiência, eu deixo bem aberto tanto para as pessoas perguntarem, dou liberdade para elas brincarem, então eu nunca enfrentei problema nenhum. Eu sou tratado como qualquer outro funcionário.*

S2- *É muito bom. No início, foi complicado até porque eles também desconheciam, digamos assim, o que eu poderia fazer aqui dentro, e eu acho que não é só com uma pessoa com deficiência, até quando entra qualquer servidor novo no setor, as pessoas até aprenderem, como é a personalidade? Como tem que tratar? Já é uma incógnita. E quando é uma pessoa com deficiência, eles nunca tinham tido contato com uma pessoa cega, eu acho que isso aumenta né! Essa dúvida de como tratar? Com chamar? Então, no início, teve isso, sim. E a gente foi aprendendo junto, eles aprenderam como entrar em contato comigo, como me tratar, como se dirigir, aprenderam sobre minhas necessidades, tipo: não deixar copo com café com água em cima da bancada, porque podia acontecer algum acidente. Então, hoje, é muito tranquilo porque eles me veem como uma pessoa que faz parte da equipe. Já aprenderam que eu posso fazer as mesmas atividades que eles, eles contam comigo para o funcionamento do setor, e eu noto que, existe uma vontade deles em que eu cresça, porque eles são interessados em mim em várias coisas, como me ensinar a fazer uma coisa nova. E com isso, eles foram vendo que a deficiência limitava em alguns aspectos, mas não impossibilitava no todo, né.*

De acordo com as falas dos sujeitos pode-se perceber que a inserção dos mesmos nos ambientes de trabalho passou por algumas barreiras em decorrência da deficiência, mas à medida que eles foram desenvolvendo as suas funções nas instituições muitos preconceitos foram sendo eliminados, também preconceitos atitudinais de usuários destes serviços nas instituições.

Quais suas expectativas profissionais?

S1- *Ah, é me formar e não sei se lá na escola mesmo, mas, ter uma oportunidade em sala de aula, né! Trabalhar em sala de aula mesmo com turma de 4º e 5º ano, que é o nicho que eu gosto de trabalhar. Esse semestre eu tive uma inserção de uma matéria PED, da pedagogia, e daí a gente foi fazer uma inserção, daí eu fiz no 5º ano, e a turma foi bem difícil.*

S2- *Eu acho que, ainda pretendo me capacitar mais em alguns aspectos. Vejo que tem coisas que estão me fazendo falta hoje em dia, aqui mesmo no atendimento ao*

público. Eu pretendo fazer um curso de línguas, que está me fazendo falta aqui no setor, até porque estamos com muitos intercambistas aqui. Pretendo continuar nesse setor, os meus colegas já são mais que colegas, são amigos, o trabalho aqui é bacana, eu me adaptei bem aqui.

Os dois entrevistados tanto no setor público como no privado pretendem buscar aperfeiçoamento em cursos, mas, demonstram a intenção de permanecerem nos seus locais de trabalho. S2 menciona que os colegas viraram amigos, e reflete sobre o trabalho que desenvolve no setor, demonstrando que a experiência vivenciada lhe traz satisfação e que possui o desejo de permanecer no local de trabalho após realizar cursos de aperfeiçoamento.

Lá eles incentivam tua formação?

S2- *Sim, bastante. Eles incentivam, liberam quando precisa, tipo se é um curso. Por exemplo, no ano passado, que eu viajei com a UFSM, fiquei uma semana fora, eles liberaram para eu ir, ou quando eu tenho algum curso de formação, eles liberam também. Esse ano, eu passei 3 dias em Porto Alegre participando de uma formação, eles me liberaram também. Então, por parte deles mesmo, eu tenho um grande incentivo de formação.*

Sobre o incentivo para a formação, tanto acadêmica quanto continuada, ambos os espaços estimulam e propiciam a participação dos sujeitos da pesquisa em atividades de formação. S1 menciona vivências que ocorreram e que foram incentivadas pelo setor no qual trabalha, demonstrando a flexibilidade do funcionário em qualificar-se.

Você tem outras experiências profissionais?

S1- *Tenho. Eu fui jovem aprendiz nos Correios. Fiquei dois anos nos Correios, trabalhando meio que de atendente, junto com a secretária, na gerencia, atendia e chegava na gerencia, atendia telefone, essas coisas assim.*

S2- *Sim, eu trabalhei como massoterapeuta durante vários anos, 15 anos como massoterapeuta. Agora eu parei com essa atividade, faz tempo, né. Mas foi uma experiência muito boa também, pois eu tinha contato direto com as pessoas. Foi a profissão que me impulsionou realmente. Porque eu tinha um número de pacientes muito bom, e fez com que eu me sentisse muito útil e produtiva sendo massoterapeuta.*

Podemos perceber que a deficiência não limitou ambos os sujeitos da pesquisa no mercado de trabalho, S1 e S2 já vivenciaram outras experiências profissionais em outros locais. As barreiras encontradas pela deficiência não impede a participação destes profissionais no mercado de trabalho. Desta forma após realizar as análises das entrevistas pode-se verificar que percebem-se muitas semelhanças nas instituições públicas e privadas. Assim, ambas tem aspectos com relação as barreiras de acessibilidade para melhorar, favorecendo a autonomia destes sujeitos com deficiência visual. Mas as instituições públicas e privadas demonstraram incentivarem e favorecer a participação dos sujeitos da pesquisa S1 e S2 em cursos de formação, possibilitando o acesso destes sujeitos ao conhecimento, e favorecendo a qualificação da atuação destes profissionais no mercado de trabalho.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente a legislação garante a obrigatoriedade da inserção da alteridade deficiente no mercado de trabalho formal. Teve início com a aprovação das Leis nº 8.112 de 11 de dezembro de 1990 que garantia a inscrição da pessoa deficiente para inscrever-se em concurso público com direito estabelecido em 20% das vagas e da Lei de Cotas: Lei 8.213 de 24 de junho de 1991 que determina a reserva de vagas para os deficientes.

Então fica a questão: Será que S1 e S2 estariam fazendo parte das estatísticas dos profissionais que atuam no mercado de trabalho caso não houvesse a garantia da obrigatoriedade de vagas para concurso público e a lei de cotas?

Os resultados demonstram a importância das empresas pública ou privada utilizarem os recursos das tecnologias assistivas, facilitando assim o desenvolvimento das atividades dos profissionais deficientes.

As barreiras encontradas pela deficiência não impede a participação destes profissionais no mercado de trabalho. Desta forma após realizar as análises das entrevistas pode-se verificar que se percebem muitas semelhanças nas instituições públicas e privadas. Assim, ambas tem aspectos com relação as barreiras de acessibilidade para melhorar, favorecendo a autonomia destes sujeitos com deficiência visual. Mas as instituições públicas e privadas demonstraram incentivarem e favorecer a participação dos sujeitos da pesquisa S1 e S2 em cursos de formação, possibilitando o acesso destes sujeitos ao conhecimento, e favorecendo a qualificação da atuação destes profissionais no mercado de trabalho.

Ao ser proporcionado as condições necessárias para que os cegos, tanto da instituição particular como da instituição pública, locomovam-se com segurança nas ruas e condições de trabalho adequadas a sua deficiência, certamente estas

peças vão desempenhar suas funções com qualidade nas empresas em que atuam.

De acordo com as falas sobre as experiências profissionais e condições de acessibilidade são vividas no cotidiano da alteridade cega destaca-se que os sujeitos entrevistado buscam cada vez mais o crescimento profissional, mas que continuam enfrentando dificuldades de locomoção e a barreira da acessibilidade da aquisição da tecnologia assistiva.

7-BIBLIOGRAFIA

(ATA VII - Comitê de Ajudas Técnicas (CAT) - Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) - Secretaria Especial dos Direitos Humanos - Presidência da República)

ALMEIDA, T. S; ARAÚJO, F.V. Diferenças Experienciais entre pessoas com cegueira congênita e adquirida: uma breve apreciação. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**. Ano 1, v. 1, n.3, jun, 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. “NBR 9050: acessibilidade a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos”. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: . Acesso em: 05 jan. 2007.

BRASIL. **Decreto 5296 de 02 de dezembro de 1999**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em 25/11/2015.

BERSCH, R.; MACHADO, R. Tecnologia Assistiva – TA: Aplicações na Educação. Atendimento Educacional para alunos cegos e com Baixa Visão. In: **Formação de professores para o atendimento educacional especializado**. Ana Claudia Pavão Siluk (org.). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

GONZÁLEZ, E. (org.) Necessidades educacionais específicas: intervenção psicoeducacional. Porto Alegre: Artmed, 2007, p.102

.

GIL, M. Deficiência visual-Brasília: MEC. Secretaria de Educação a Distância, 2000.

PRADO, Adriana Romeira de Almeida. “Acessibilidade na gestão da cidade”. In: ARAÚJO, Luiz Alberto David (Coord.). Defesa dos direitos das pessoas portadoras de deficiência. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006. p. 0-0.

ROMITA, Arion Sayão . Trabalho do Deficiente : In JTB 17-812,1991

World Health Organization. Visual impairment and blindness. Fact Sheet N°289. updated august 2014 disponível em :<

<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs282/en/>> acesso em: 27 de outubro de 2015.

<http://www.revistaacademicaonline.com/products/dalia-mulher-e-cega-narrativas-de-uma-historia-de-vida/>

<http://www.ibc.gov.br/?itemid=118>

8-APÊNDICE

8.1 Apêndice A-Entrevista S1

Qual a sua idade?

22 anos.

Qual a sua formação?

Até agora a pedagogia.

Você trabalha na sua área?

É, eu trabalho na minha área, eu trabalho em escola. Numa das escolas eu sou estagiário, daí eu trabalho fora da minha área, porque daí eu acompanho uma menina que é cega, lá em Dilermando, no 6º ano. Eu faço meio o trabalho de educador especial. E daí o meu trabalho titular, digamos assim, pode-se dizer que o trabalho na biblioteca infantil de uma escola, então é mais ou menos na área. Na escola Santa Maria.

Quanto tempo você trabalha na instituição?

Há dois anos e meio.

E com essa menina, há quanto tempo você trabalha?

Eu comecei nesse ano. Faz uns 8 meses.

Como foi pra ti entrar nessa instituição ?

Ah, no Marista foi meio assim, foi meio por acaso. Eu tenho bastante base na área administrativa, de curso de auxiliar administrativo, de atendimento, essas coisas. E de lá eu procurava emprego. Eu tinha acabado de sair de um emprego e estava procurando outro, dai fui fazer a entrevista no CDL, e dai o cara ficou sabendo que eu iria começar a fazer pedagogia, e dai me encaminhou para lá, ele sabia que tinha uma vaga lá para pessoa com deficiência.

A sua contratação está vinculada a lei que prevê o percentual para deficiente?

Sim, foi porque estavam necessitando de pessoas lá.

Você escolheu trabalhar na empresa ou instituição onde você está atualmente?

É, na verdade, eu estava indo para onde tivesse emprego, dai eu cai lá.

Você tem alguma dificuldade?

Ah, tem algumas dificuldades mais em relação ao espaço físico da escola. Por ser uma escola antiga, tem 110 anos, muitos ambientes da escola não são preparados para receber e atender pessoas com deficiência. Esse tempo, até eu conversei com eles a respeito de mexer nos ambientes, e como eu trabalho em uma biblioteca, então, antes eu não tinha acesso ao sistema, pois o pessoal dizia que eu não iria conseguir, pois o sistema não era acessível. Esse ano, depois de 1 ano e meio lá, quase dois anos brigando com o pessoal da gerencia em Porto Alegre, foi que eu consegui que eles me liberassem para acessar o sistema. E foi bem tranquilo. Então a questão da dificuldade que eu tenho é no espaço mesmo.

Você utiliza alguma tecnologia assistiva lá?

Sim, eu utilizo o leitor de tela. O NVDA que é um leitor de tela, justamente para trabalhar com a questão do empréstimo e devolução dos livros, que é tudo informatizado.

Como é tua rotina lá?

Eu trabalho das 13h30 até 17h30, faço 20 horas semanais. Bom, minha rotina é emprestar livro, devolver, eu entrego bilhetes, recolho livros nas salas, organizo a turma na biblioteca, faço hora do conto, faço teatro, essas coisas assim com eles. Esse ano foi mais burocrático, não teve muita hora do conto, nem nada, mas assim, organizar atividades, eu vejo com as professoras o que elas trabalhando, e vou lá acho uma história e conto para eles.

Teu relacionamento com os colegas como é?

É bem tranquilo. Acho que até por eu não ter problema nenhum com minha deficiência, eu deixo bem aberto tanto para as pessoas perguntarem, dou liberdade para elas brincarem, então eu nunca enfrentei problema nenhum. Eu sou tratado como qualquer outro funcionário.

Quais suas expectativas profissionais?

Ah, é me formar e não sei se lá na escola mesmo, mas, ter uma oportunidade em sala de aula, né! Trabalhar em sala de aula mesmo com turma de 4º e 5º ano, que é o nicho que eu gosto de trabalhar. esse semestre eu tive uma inserção de uma matéria PED, da pedagogia, e daí a gente foi fazer uma inserção, daí eu fiz no 5º ano, e a turma foi bem difícil.

Lá eles incentivam tua formação?

Sim, bastante. Eles incentivam, liberam quando precisa, tipo se é um curso. Por exemplo, no ano passado, que eu viajei com a UFSM, fiquei uma semana fora, eles liberaram para eu ir, ou quando eu tenho algum curso de formação, eles liberam também. Esse ano, eu passei 3 dias em Porto Alegre participando de uma formação, eles me liberaram também. Então, por parte deles mesmo, eu tenho um grande incentivo de formação.

Você tens outras experiências profissionais?

Tenho. Eu fui jovem aprendiz nos Correios. Fiquei dois anos nos Correios, trabalhando meio que de atendente, junto com a secretária, na gerencia, atendia em chegava na gerencia, atendia telefone, essas coisas assim.

Você gostas de lá, S1?

Do Marista eu gosto bastante. Óbvio que tem muitas coisas que a gente não concorda, mas é o normal de qualquer emprego. Mas é um ambiente tranquilo de se trabalhar, as pessoas são legais, e é uma coisa diferente do que tu estás acostumado a trabalhar ai fora.

Depois que você terminar a pedagogia, você ficaria lá?

É, eu vou te dizer assim: se eu ficar lá, vai ser legal. Mas minha intensão é trabalhar em uma escola pública. Eu trabalhando lá, vai ser legal, como disse, mas não vou deixar de procurar uma escola pública para trabalhar, porque é isso que eu quero.

8.2 Apêndice B- Entrevista S2

A tua cegueira é congênita ou ela é adquirida?

É adquirida, é uma doença genética, que começou a se manifestar quando eu tinha 12, 13 anos, por aí. Dai com o passar do tempo, a minha visão foi diminuindo, pois minha doença o crescimento dela é gradativo. Dai quando eu cheguei com 20 anos, já estava bem ruim minha visão, já estava tendo bastante dificuldade para enxergar, para ler, para identificar pessoas para atravessar a rua. Dai, agora, que estou com 38 anos, eu já estou completamente cega mesmo, só vejo luminosidade mesmo.

Qual tua idade?

38 anos.

Qual tua formação?

Eu tenho graduação em tecnologia em secretariado, e tenho pós em gestão de pessoas.

Você trabalha na tua área de formação?

Sim, posso dizer que sim. Porque aqui eu trabalho no administrativo, né. Então eu uso muito do que eu aprendi no secretariado, e também na gestão de pessoas por causa do atendimento ao público.

Você é concursada há quanto tempo?

10 anos e meio, já.

Quanto tempo você trabalha nesta instituição?

10 anos e meio.

Conte um pouco sobre sua trajetória nesta instituição:

Eu sou a primeira servidora cega aqui da Universidade, né. Então no início, foi um aprendizado mutuo porque na verdade, eu nunca tinha sido servidora pública antes. Eu trabalhava em uma função totalmente diferente, né, e a universidade nunca tinha recebido um servidor com deficiência visual. Então a gente aprendeu junto, assim. Nós tivemos que correr atrás de saber sobre tecnologia assistida que pudessem me auxiliar, para que eu pudesse desenvolver bem as minhas atividades aqui. E aí, a gente entrou em conta com outras pessoas e outras instituições e chegamos até o leitor de tela, que faz as leituras da tela do Windows pra mim, para que eu pudesse utilizar o computador aqui no atendimento. Tecnicamente falando, teve adaptações que foram necessárias, mas a principal adaptação foi quanto a atitude das pessoas, porque eu caí em um setor que as pessoas também não tinham contato com pessoa cega. Então os colegas tiveram que aprender sobre mim, um pouquinho, né, e como que era para a gente se relacionar, e um pouco sobre deficiência visual também. Para que potencializassem as minhas limitações, e eu tive que aprender muita coisa também, justamente para mostrar que eu podia desenvolver as mesmas atividades que eles. Não tive, digamos assim, regalias nenhuma. Eu aprendi a desenvolver minhas tarefas da mesma forma que eles, de maneira diferente, mas a mesma tarefa. E a gente teve um período de adaptação. Hoje em dia é bem tranquilo, eu fiz vários cursos para me capacitar, tanto em informática, e depois veio a graduação que me ajudou bastante. E hoje é muito tranquilo, tanto o relacionamento interpessoal, quanto o desenvolvimento das tarefas. Claro que durante esses 10 anos ocorreram várias coisas que fizeram com que eu crescesse profissionalmente, mas hoje eu acredito que, eu contribuo com o setor de igual para igual com meus colegas.

A sua contratação está vinculada com a lei que prevê o percentual para deficientes?

Sim, eu entrei pelas cotas.

Você escolheu trabalhar na empresa ou instituição onde está atualmente?

Na verdade, eu trabalhava em uma atividade totalmente diferente, e daí apareceu a oportunidade de fazer o concurso aqui, foi uma escolha de fazer o concurso, né! Mas,

sinceramente, antes eu não pensava muito em ser servidora pública. Eu vim fazer o concurso mais por incentivo de outras pessoas do que por mim mesma. E dai acabou dando certo.

Quais as dificuldades que e você enfrenta aqui?

Eu acho que a maioria das pessoas com deficiência quando passa por essa barreira da tecnologia assistiva, digamos assim, a aquisição por parte da empresa, tanto pública ou privada, de alguma coisa que vai te facilitar o desenvolvimento das tuas atividades, isso, às vezes parece complicado, mas é, na verdade, mais fácil, o que mais me complica é a barreira atitudinal das pessoas. Mesmo com esses 10 anos aqui dentro da universidade, às vezes, eu ainda encontro problema com atitudes das pessoas. Claro que não em relação aos meus colegas, porque agora dentro do setor, tá tudo muito tranquilo. Mas, às vezes, os próprios usuários tem uma resistência em ser atendido, né. Por exemplo: será que ela vai dar conta? Será que ela vai fazer certo? Será que ela vai conseguir me atender? Isso ainda acontece, mas eu não chamo nem de preconceito, eu chamo de desconhecimento, porque a partir do momento que a gente mantem o primeiro contato e que os usuários veem que é possível, enfim, dai essa barreira é, digamos assim, quebrada.

Quais tecnologias assistiva você usa aqui no teu ambiente de trabalho?

Aqui é mais o leitor de telas, mesmo. Que se não fosse ele, eu não teria como desenvolver minhas atividades. Eu preciso acessar o CIEE, que é o sistema que a gente usa aqui na universidade, e é esse leitor de tela que faz com que isso seja possível. Então, é o leitor de tela que me proporciona, assim, o alcance de tudo que eu preciso para poder desenvolver as minhas tarefas.

Qual tua rotina aqui?

A rotina é muito tranquila, porque eu chego aqui às 8h, venho de van. Durante a manhã, é mais atendimento ao público, mesmo. Tenho o atendimento do telefone, tenho o atendimento ao público, tem tira dúvidas dos usuários tem colocação de protetivos, que é um trabalho que eu gosto de fazer, que é etiqueta adesiva que “vai” no dorso dos livros. Eu gosto de fazer isso, que faz parte da manutenção dos livros.

Qual é o teu relacionamento com teus colegas?

É muito bom. No início, foi complicado até porque eles também desconheciam, digamos assim, o que eu poderia fazer aqui dentro, e eu acho que não é só com uma pessoa com deficiência, até quando entra qualquer servidor novo no setor, as pessoas até aprenderem, como é a personalidade? Como tem que tratar? Já é uma incógnita. E quando é uma pessoa com deficiência, eles nunca tinham tido contato com uma pessoa cega, eu acho que isso aumenta né! Essa dúvida de como tratar? Com chamar? Então, no início, teve isso, sim. E a gente foi aprendendo junto, eles aprenderam como entrar em contato comigo, como me tratar, como se dirigir, aprenderam sobre minhas necessidades, tipo: não deixar copo com café com água em cima da bancada, porque podia acontecer alguma acidente. Então, hoje, é muito tranquilo porque eles me veem como uma pessoa que faz parte da equipe. Já aprenderam que eu posso as mesmas atividades que eles, eles contam comigo para o funcionamento do setor, e eu nota que, existe uma vontade deles em que eu cresça, porque eles são interessados em mim em várias coisas, como me ensinar a fazer uma coisa nova. E com isso, eles foram vendo que a deficiência limitava em alguns aspectos, mas não impossibilitava no todo, né.

Quais tuas expectativas profissionais?

Eu acho que, ainda pretendo me capacitar mais em alguns aspectos. Vejo que tem coisas que estão me fazendo falta hoje em dia, aqui mesmo no atendimento ao público. Eu pretendo fazer um curso de línguas, que está me fazendo falta aqui no setor, até porque estamos com muitos intercambistas aqui. Pretendo continuar nesse setor, os meus colegas já são mais que colegas, são amigos, o trabalho aqui é bacana, eu me adaptei bem aqui.

Eles incentivam tua qualificação profissional?

Sim, bastante.

Você tens outras experiências profissionais além dessa?

Sim, eu trabalhei com massoterapeuta durante vários anos, 15 anos como massoterapeuta. Agora eu parei com essa atividade, faz tempo, né. Mas foi uma experiência

muito boa também, pois eu tinha contato direto com as pessoas. Foi a profissão que me impulsionou realmente. Porque eu tinha um número de pacientes muito bom, e fez com que eu me sentisse muito útil e produtiva sendo massoterapeuta.

